

Porque o EXÉRCITO Brasileiro foi para as ruas e não deveria sair delas tão cedo...¹

Pesadas nuvens cinzentas vêm tisonando o céu, outrora azul-de-anil, da Mãe-Pátria brasileira.

Sob intensa calma e leniente descaso das autoridades constituídas, poderosas forças se esgueiram por entre as sombras, dissimuladas, para tentar impor ao cenário social brasileiro o caos, a pobreza forçada e irremissível; o atraso definitivo e incontornável; o conflito no campo e a favelização das cidades, transformando um dos mais ricos e bem aquinhoados territórios planetários no modelo extremado da desordem terrena e da desmoralização da representação pública; numa fábrica de miseráveis indigentes, como se produzir desastres sociais e econômicos em série, ou infelizes seres humanos estropiados e famélicos, fosse o terrível e determinístico destino histórico do nosso país, conseqüência lógica e natural de um irreversível conjunto de incompetências morais e genéticas que traríamos, irremediavelmente, inseridos na alma e no sangue inferiores de todos nós, cidadãos brasileiros.

E tamanha destruição da auto-estima nacional vem ocorrendo, pacífica, serenamente, por uma ação coordenada, contínua, inexorável, que conjuga e orienta, de forma quase científica, a malversação dos recursos públicos; desmoraliza os poderes clássicos republicanos através da “compra” de parlamentares, de funcionários públicos e sentenças judiciais; exalta e favorece a corrupção, a degradação dos costumes e a aplicação ética das Leis; impõe-nos, como alternativa única e irreversível, uma nefasta estratégia macroeconômica que beneficia apenas o capital especulativo, anônimo e tráfuga, aquele mesmo que suga as veias do trabalhador brasileiro como vampiro noturno, através da ação ininterrupta de computadores imperscrutáveis que, além de não “dormirem”, são programados apenas para trabalhar e calcular em prejuízo dos nossos interesses pessoais ou coletivos.

Nessa toada, diante da perplexa inação das autoridades, tanto o banditismo dos colarinhos engomados, o das altas esferas onde mais se dilapidam o patrimônio e os recursos públicos, quanto a criminalidade rasteira, a dos pés-de-chinelo que aterrorizam famílias, bairros e cidades, crescem juntos, desafiam e agredem a antiga organização do Estado e vêm ocupando o lugar dos cidadãos de bem, que contemplam a transmissão à marginalia, sem lutas nem dignas resistências, do antigo primado da Lei e o monopólio da violência. Percebe-se, com clareza cada vez mais límpida, que, há muito, deixaram de soprar os ventos pacificadores da honra, da honestidade de meios e propósitos, que sempre logravam dissipar as nuvens ameaçadoras das graves preocupações nacionais, sempre que elas ousavam passar ou pairar acima das nossas cabeças.

Mas, a quem caberia dismantelar tamanho despropósito, recompondo o conceito de “Pátria” e de um “Estado-Nacional Brasileiro” pertencente ao povo, governado pela sua vontade e em seu exclusivo benefício, restaurando o tecido social hoje tão intensamente dilacerado; restituindo ruas, prédios públicos e palácios aos cidadãos de bem; devolvendo os destinos da Pátria, hoje governada pelos desígnios dos conchavos promovidos pelos extremados defensores do “mercado-livre acima de tudo”; pelo poder do capital internacional tráfuga e improdutivo; pelos “investidores internacionais”; “organizações multilaterais” ou “transnacionais privadas e globalizantes”; “agências reguladoras” e “bancos centrais independentes”? Essas últimas, instituições autoritárias, quase sempre sustentadas pelos orçamentos públicos mas afastadas, postas fora do alcance e do controle da soberania popular e da vontade de governos legitimamente eleitos, porém trabalhando intensamente contra o interesse coletivo, em favor de um emergente e diáfano “poder privado transnacional” cujos titulares de fato, seus verdadeiros sócios ocultos e beneficiários integrais, desconhecemos quem sejam...

Ao longo dos séculos, doutores da Igreja, filósofos e cientistas políticos, como São Tomás de Aquino, John Locke, Fichte, Rommen, Boaventura e tantos outros, debateram tão importantes questões e buscaram repostas adequadas para as mais importantes delas, quais

¹ Fonte de referências e transcrições ao texto: ABREU, Armindo em “O Poder SECRETO!”, Kranion Editorial, 2005. P. 142 a 145, 154 a 156.

sejam, os *“limites conceituais para o primado da lei, dos deveres e responsabilidades dos Estados-Nacionais e seus legítimos governantes, mas, sobretudo, dos destinos a serem dados aos tiranos, seus prepostos e associados que, mentindo em suas plataformas pré-eleitorais ou abusando da boa-fé pública depois de eleitos, descuidam, transgridem ou desrespeitam a soberania e a vontade populares que cativaram por meios enganosos e vis.”*

Por isso, os grandes pensadores vêm estudando tais problemas, há séculos e à luz dos fundamentos de nossa cultura ocidental, de raízes judaico-cristãs, balizando e definindo responsabilidades dos dirigentes na preservação das instituições republicanas, através de conceitos, hoje considerados pétreos, como:

“... A lei natural deve permanecer como medida preeminente e como suprema norma crítica de julgamento para a justiça das leis humanas”;

“... O estado, com seu sistema soberano de leis positivas, voltadas para uma determinada nação, momento histórico e cultura específica, é absolutamente necessário por direito natural”;

“... O neoliberalismo globalizante pretende sobrepor-se às soberanias nacionais, violentando o direito natural”, conceitos e fatos que passariam a demandar que as sociedades verdadeiramente livres e patrióticas viessem a cobrar e a exigir com toda a energia, através de seus mais lídimos representantes e defensores, o *“... Indispensável amparo da lei natural à manutenção das soberanias nacionais.”*

Sendo, nessa ótica, o *patriotismo* o sentimento resultante da *“... Compatibilização emocional que, natural e espontaneamente, se estabelece entre o homem e o ambiente físico e cultural em que ele veio ao mundo, desenvolveu sua personalidade e integrou-se no processo histórico... terá como corolário o nacionalismo natural e desejável, não maculado por nenhuma xenofobia, sendo, portanto, algo inserido na ordem natural a ser preservado em nossa era e em nossa cultura.”*

Tais questões, portanto, relevantes diante de graves violações e quebras planetárias desse ordenamento lógico e natural, logo se percebe, tornaram-se sérias demais para serem apreciadas e terem conseqüências limitadas ou decididas, apenas, nas esferas filosófica, política, econômica ou da cidadania, como defendem alguns líricos poetas, pois, *quando a nacionalidade e a perenidade do estado-nacional se vêem em jogo, não é mais possível desconhecer que... “Os militares representam a expressão física do instinto de preservação e sobrevivência de uma Nação”.*

Eles não podem, portanto, *perder de vista a perspectiva de que operam essencialmente na identificação, na conquista e na manutenção dos Objetivos Nacionais Permanentes, domínio do Estado e da Política Nacional, enquanto governos eleitos exercem suas ações na esfera da Estratégia, isto é, nas diversas, melhores e mais rápidas formas de alcançá-los e de preservá-los íntegros, debatendo caminhos, propondo medidas de alcance prático e operando através da atividade político-partidária”.*

Portanto, sobre ser ínfima, desprezível mesmo, a disseminação desses fatos, conceitos, esclarecimentos e alertas entre a *população, a academia, a mídia e outros centros de formação da opinião pública, ainda se falseia a verdade quando, misturando-se grosseira e propositalmente os conceitos de Política Nacional e Política Partidária, divulga-se serem os militares estranhos à política, quando não truculentos intrusos, que deveriam “recolher-se aos quartéis”.* Tentam, assim, manter o contingente de militares e seus instrumentos de poder apenas circunscritos ao campo técnico-operacional da profissão, *afastando-os, pela pressão da opinião pública mistificada, do debate intelectual e da esfera de domínio da Política Nacional, em que têm por obrigação pensar e atuar, sempre, em defesa e nos mais elevados interesses da nacionalidade!*

E tal distorção vem ocorrendo, no Brasil e em outras plagas, quando governos enfraquecidos pela etapa mais radical da mundialização e da concentração dos poderes e interesses supranacionais, muito acima e além daqueles jamais detidos, individualmente, pelo estado-nação, *mesmo operando sob um arcabouço supostamente legal, não se opõem com*

vigor ou, até mesmo, favorecem tão sérias ameaças aos *interesses vitais de suas nações*, aqui antropologicamente referidas.

Portanto, a *globalização e a falência dos estados nacionais*, com o conseqüente esvaziamento da sua capacidade de reação à bandidagem alta ou rasteira e à infiltração de interesses externos espúrios, tanto pela *desnacionalização acelerada* das economias e o enfraquecimento orçamentário, quanto pela *rendição ao mercado*, entidade cada vez mais excelsa, fria e distante do homem, a quem seria suposto *servir ao invés de subordinar*, quanto pela *submissão servil a desígnios espúrios e legislações de cunho mundialista* determinam uma reação imediata, um revide à altura.

Não perceberam, ainda, muitos observadores de escassa acuidade visual e intelectual, que a recente saída dos militares às ruas, em busca de umas poucas peças de armamento roubado aos seus cuidados, pela bandidagem cada vez mais insolente, não representou, apenas uma pálida e envergonhada reação ao roubo, uma espécie de *contemplanção envergonhada do próprio umbigo*, como a maioria nos quis fazer crer, tentando humilhar e diminuir nossas instituições militares, seus oficiais e soldados.

Não, a leitura dos fatos que levaram o Exército Brasileiro às ruas, deve ser outra, bem distinta da que foi 'vendida' pela imprensa:

Nessa complexa operação, não foram recolhidas, apenas, meia dúzia de fuzis e uma mera pistola, enferrujados: *Foi resgatada toda a dignidade de uma nação acuada e amedrontada pela marginalia que vinha reinando, impávida, dentro e fora de nossas fronteiras.*

Nesse 'passeio' pelas ruas antes ocupadas pelo crime, com uma breve, mas altamente eficaz *apresentação* da nossa bandeira, ainda viva e tremulante, puderam nossos patrícios perceber, mesmo toldados pelas ácidas críticas dos que vêm contribuindo para o esvaziamento da Pátria e em favor da dissolução do Estado-Nação Brasileiro, que as forças-vivas do nosso povo, despertas, ativas e operantes, não permitirão, jamais, que a desordem prospere ou que os aliados do mundialismo ávido e corrupto se apoderem de nossas riquezas e da nossa dignidade.

O Brasil, felizmente, continua e continuará vivo, impoluto, orgulhoso, de pé, mesmo a despeito da desfaçatez com que está sendo influenciado pelo Mal e explorado pela bandidagem explícita ou dissimulada.

Afinal, nós, os cidadãos civis brasileiros não estamos, nem estaremos, sós e desprotegidos!

EXÉRCITO NELES!!

FORÇAS ARMADAS CONTRA BANDIDOS DO ASFALTO E DO PLANALTO!

O CONSELHO dos 12 do MV-BRASIL

(Memorial elaborado especialmente para o MV-Brasil pelo economista Armindo Abreu, autor do livro "O Poder SECRETO!")

Armindo Abreu